



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação

MUSEU DOS QUILOMBOS E FAVELAS URBANOS, IGREJA DAS SANTAS PRETAS E GUARDA DE CONGO DA VILA ESTRELA: O ENCONTRO PELA SÁ RAINHA DONA MARTA

MUSEU DOS QUILOMBOS E FAVELAS URBANOS, CHURCH OF SANTAS PRETAS AND CONGO GUARD OF VILA ESTRELA: THE MEETING BY SAINT QUEEN DONA MARTA

Samanta Coan - Universidade Federal de Minas Gerais

Rubens Alves da Silva - Universidade Federal de Minas Gerais

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Esse artigo vai evidenciar como o trabalho de memória do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu), localizado no Aglomerado Santa Lúcia, centro-sul de Belo Horizonte, reativou parte da Guarda de Congo da Vila Estrela por meio de uma série de homenagens à Sá Rainha Dona Marta. Por meio de observação participante e entrevista com parte da equipe do museu, sendo Mauro Luiz da Silva e Cleiton Gos, foi possível conhecer o desenvolvimento da exposição “Uma Rainha na Favela” e da pintura da Igreja das Santas Pretas, que trouxe o protagonismo de uma rainha sem Reino. Será ressaltada a relevância dos sujeitos para a apropriação e resignificação do espaço museal na identificação do Reino de Dona Marta, que também colaboram com a festa do Rosário do grupo de Congado em homenagem à matriarca. Conclui-se que o encontro entre Museu, Igreja das Santas Pretas e Guarda de Congo da Vila Estrela foi uma confluência que trouxe à tona uma celebração que não era praticada há mais de uma década.

Palavras-Chave: Congado; Museu de território; Encontro; Museologia Social.

Abstract: This article will highlight how the memory work of the Quilombos and Urban Favelas Museum (Muquifu), located in the Aglomerado Santa Lúcia, south-central Belo Horizonte, reactivated part of the Vila Estrela Congo Guard through a series of homage to the Sá Queen Dona Marta. Through participant observation and interview with part of the museum staff, being Mauro Luiz da Silva and Cleiton Gos, it was possible to know the development of the exhibition “A Queen in the Favela” and the painting of the Church of Santas Pretas, which brought the protagonism of a queen without a kingdom. It will be emphasized the relevance of the subjects for the appropriation and reframing of the museum space in the identification of Dona Marta's Kingdom, which also collaborate with the Rosary feast of the Congado group in honor of the matriarch. It is concluded that the meeting between Museum, Santas Pretas Church and Congo Guard of Vila Estrela was a confluence that brought to light a celebration that had not been practiced for over a decade.

Keywords: Congado; Territory museum; Meeting; Social Museology.

1 "ALGUMA COISA ACONTECEU"

Os textos de Stengers (2017) e Santos (2015), instigaram um outro olhar sobre o espaço que pesquiso: o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu). A ideia do *encontro*, enquanto acontecimento que busca *reativar* conhecimentos e saberes de grupos sociais distintos em prol de um objetivo, é trabalhado neste texto a fim de tentar compreender o que ocorreu no Muquifu. O encontro entre Museu e Igreja das Santas Pretas¹ colaborou para uma homenagem à Rainha Conga de Santa Efigênia, Dona Marta, uma rainha sem reino no Aglomerado Santa Lúcia.

O artigo vai analisar e explicitar como o trabalho de memória do Muquifu reativou parte da Guarda de Congo da Vila Estrela. O ponto de partida é a mudança do museu para a nova sede, anexa à Igreja das Santas Pretas, que desencadeou uma pintura de homenagem às mulheres do Chá da Dona Jovem, dentre elas a Dona Marta. A Rainha não foi apenas representada no centro do templo católico, como também é enfoque central da exposição de longa duração *Uma Rainha na Favela*. Seria depois de três anos da realização do trabalho institucional que viria a demanda da família para uma homenagem à matriarca. Por meio do método etnográfico² no espaço museal, com observação participante e entrevistas semi-estruturadas com os coordenadores do Museu (Cleiton Gos e Mauro Luiz da Silva), foi possível identificar como esses acontecimentos convergiram de modo orgânico para a realização do principal evento que ocorreu na Semana de Museus, em 2018. A partir dessa experiência de campo e conversa com os envolvidos da instituição foi possível analisar, em articulação com a literatura, a relevância dessa tipologia de museu em territórios subrepresentados na história da capital mineira.

2 O MUQUIFU E A IGREJA DAS SANTAS PRETAS

O Muquifu foi inaugurado no dia 20 de novembro de 2012, dia da Consciência Negra no Brasil. É um dos primeiros museus comunitários e de favela em Belo Horizonte. Quando o conheci, em 2014, a instituição ocupava a antiga sede no Centro Social Padre Danilo, localizado no meio do Morro do Papagaio, no beco Santa Inês, também conhecido como o Beco dos Ratos. Ali, a relação entre a igreja e espaço museal se configurou apenas como um

¹ O nome oficial dela é Igreja Maria Estrela do Amanhã.

² Realizado pelo autor desde 2017 no Muquifu.

dos projetos financiados pelas Obras Sociais Nossa Senhora do Morro, além de ter como um dos idealizadores, diretor e curador do museu o padre Mauro Luiz da Silva, que atuou entre 2000 a 2016 na Paróquia Nossa Senhora do Morro. De acordo com o diretor, a escolha da primeira sede foi a oportunidade de o Centro Social estar disponível para receber o museu (SILVA, 2018). Já a sede atual, tem uma história memorável: catorze mulheres se reuniam ali, toda terça-feira e domingo, para tomar chá depois da missa — o Chá da Dona Jovem. “Era uma capela muito pobre, um barraco de favela, mas grande parte do espaço que deveria ser o espaço para celebrar a missa era na verdade uma cozinha” (SILVA, 2016, s/p). A igreja das Santas Pretas era esse barraco. Com a reforma, em meados 2005 à 2008, onde deveria ser apenas um templo católico, as mulheres fizeram questão de manter a cozinha no mesmo espaço de celebração da missa. Uma parte do edifício foi ocupado pelo Museu, em 2014.

Criou-se um espaço de preservação da memória, tendo o Chá da Dona Jovem como o grande centro do MUQUIFU, o centro até físico, mas é muito mais como experiência epistemológica de conhecimento, de relações. O momento do chá é quando tudo acontece. (SILVA, 2016)

Em 2017, depois de um lento trâmite com a Arquidiocese de BH, foi formalizado o uso do espaço para o Muquifu. Sem o aceite, não teria lugar e dinheiro para o museu se estabelecer.

Apesar da necessidade da formalização para cessão de espaço do dono do imóvel, a Igreja das Santas Pretas só se tornou o que é hoje em dia devido a luta pela permanência no terreno. Quando era um barraco, em 1992, a Paróquia Menino Jesus, do bairro Santo Antônio, tentou vender o lote, mas as mulheres que lá se reuniam, não quiseram deixar o lugar. Simplesmente ignoraram a decisão do bispo. "Elas foram ficando, porque não tinham para onde ir", como disse Mauro em uma das visitas mediadas no museu. Essa resistência feminina retrata a história dos favelados do Aglomerado, que sempre tiveram que se opor aos diversos abusos dos poderes público e privado desde a construção da capital mineira (GUIMARÃES, 1992; PEREIRA, 2012).

A cessão do prédio fez a direção do Muquifu oferecer uma pintura no interior da Igreja das Santas Pretas como contrapartida. A proposta de afrescos escolhida pela equipe do museu foi a homenagem às mulheres do Chá da Dona Jovem.

Cento e sete metros quadrados foram pintados em 3 anos (2015-2018) pelos artistas Cleiton Gos e Marcial Ávila, com curadoria do Mauro Luiz da Silva. O resultado narra a vida de cada mulher, relacionando-as às passagens bíblicas das sete dores e sete alegrias de Maria. O

total de cenas era exatamente o que correspondia às moradoras da Vila Estrela que seriam homenageadas: tia Neném, tia Santa, dona Generosa, Emerenciana, dona Martinha, tia Ia, dona Tina, Terezinha, Marilda, dona Jovem, Maria Rodrigues, Sônia, dona Martona e Josemeire.

Numa cena específica desse afresco, correspondente à Dona Marta, a sétima e última imagem das alegrias de Maria: a Coroação da Virgem. Vestida de rainha no céu, entre dois músicos da Guarda do Congado, ela joga as flores em cima da favela desenhada e do altar da Igreja.

A última alegria é a mais significativa homenagem às Mulheres da Vila Estrela, quando Maria é coroada Rainha do Céu, em sua cabeça uma coroa com 12 estrelas representa a totalidade. O rosto da virgem é inspirado no rosto de Dona Martinha, que é Rainha Conga de Santa Efigênia, representando assim todas as mulheres da Vila Estrela que foram capazes de resistir a todas as intempéries que a vida lhes impôs e que, mesmo assim, nunca perderam a esperança, foram sempre rainhas de suas próprias vidas. Lá do céu a doce senhora nos envia flores, uma alusão a um dos cantos mais conhecidos dos grupos de congado: “Tá caindo fulô, eh, tá caindo fulô. Tá caindo fulô, eh, tá caindo fulô. Lá do céu, cá na terra, oh lê lê, tá caindo fulô. Tá caindo fulô, eh, tá caindo fulô...”. (SILVA, 2018, p. 138)

Foi uma surpresa para o padre Mauro quando soube que Dona Marta era rainha. Levou dois anos para que alguém do Chá da Dona Jovem mencionasse esse fato a ele. Um desentendimento entre o capitão da guarda e ela, fez Dona Marta ficar sem seu reino. Não se sabe exatamente o que causou essa cisão entre o grupo, mas foi tão impactante, que Dona Martinha nunca comentou abertamente sobre ser rainha.

Quando eu cheguei, [ela] não citava ou falava que era ligada ao congado, até por essa situação complexa entre católicos cristãos e religião de matriz africana, né. Aí ela não falava que era do Congado, até que solta, né... e alguém fala "Ah! Ela é rainha do congado! Ela é rainha de Santa Efigênia". Aí aos poucos ela assumiu que era mesmo, né, e algumas vezes veio vestida de rainha na cerimônia e tal... e aí passou esse reconhecimento. Aí como precisava de uma rainha aqui dentro, aí era óbvio que tinha que ser ela. (SILVA, 2018, s/p)

A escolha do curador para a última cena da pintura não foi a toa. Ele quis colocá-la no centro do templo e deixar registrada sua coroação eterna, que não foi apenas no desenho, mas também num desfile de homenagem: *Lançamento da coleção Sá Rainha – Homenagem a Dona Marta, rainha Conga de Santa Efigênia*. Nesse evento de moda promovido pelo Museu, a empresária da marca Zeferina Moda, Eliane Silva dos Santos, em parceria com a costureira Diná Paulina, moradora da Barragem Santa Lúcia, foram responsáveis pela criação da roupa de

Dona Marta. A coroa, feita pelo artista Cleiton Gos, e a roupa tem o design igual à retratada na pintura (FIG. 1 e FIG. 2).

Figura 1: Peça gráfica, pintura da Dona Marta e no dia do Lançamento da coleção Sá Rainha



Fonte: Muquifu, 2017.

Figura 2: Pintura do Afresco



Fonte: Muquifu, 2019.

Tinha-se uma certa urgência dos envolvidos nesse processo todo, uma vez que ela foi diagnosticada com Alzheimer há mais de dois anos. A homenagem continuou depois de quatro meses, em setembro de 2017, quando foi inaugurada a exposição de longa duração: *Uma rainha na favela — Tradição, fé arte no Reinado de Nossa Senhora do Rosário*.

3. UMA RAINHA NA FAVELA

A exposição em homenagem à Dona Marta continuou como processo de demanda do próprio museu. No entendimento de Mauro, era necessário pensar em outra representação feminina dentro da favela, pois já tinha uma instalação de longa duração sobre a doméstica:

Doméstica, da escravidão à extinção — Uma antologia do quartinho de empregada no Brasil.

"Então surgiu assim: essa mulher, esse feminino, uma doméstica, mas [é sobre] a Dona Marta, uma Rainha. Andando pela rua, era doméstica e ao mesmo tempo uma Rainha e as pessoas não enxergavam isso" (SILVA, 2018, s/p). Dessa forma, a curadoria trouxe as invisibilidades sobre a mulher negra e moradora do Morro do Papagaio, a fim de evidenciar o que Silva (2018) expõe em sua pesquisa de mestrado (citado acima): "representando assim todas as mulheres da Vila Estrela que foram capazes de resistir a todas as intempéries que a vida lhes impôs e que, mesmo assim, nunca perderam a esperança, foram sempre rainhas de suas próprias vidas" (SILVA, 2018, p.138).

Dessa forma, *Uma rainha na Favela* tomou lugar da instalação *Folia, Frevo e Favela* para se tornar a nova exposição de longa duração do espaço museal, localizado no segundo andar do prédio. A curadoria é de Cleiton Gos e Mamute, que selecionaram objetos³ de dois grupos do Congado: Treze de Maio e da Guarda de Congo da Vila Estrela. O Muquifu também tinha em seu acervo outros objetos que fariam parte dessa Mostra. Treze de Maio doou, dois anos antes, alguns instrumentos feitos por eles numa atividade no Museu. Essa doação, conforme Mauro relata, é curiosa quanto aos sentimentos envolvidos pelo doador:

E quando deram esses objetos eles disseram que ao mesmo tempo, [...] ele [o doador dos objetos] tinha dois sentimento: "eu tô feliz e triste ao mesmo tempo", mas porque?, "tô feliz porque valoriza o meu trabalho né, de tá no museu, mas eu tô triste porque ele foi pro museu e eu nunca pensei que seriam peça de museu". Aí pensando nessa coisa de a peça que não vai ser usada. E ele foi pensando nisso sozinho, na cabeça dele. E eu só escutando. E aí ele falando assim: "eu achei que ia ser tocado. Achei que poderia ser dado a uma Guarda". E aí eu tive todo o cuidado de falar que tem uma Guarda aqui e tal. Isso há dois anos atrás. Daí isso ficou na cabeça. Então, a gente tinha os instrumentos, mas a gente não estava expondo eles e tinha as coisas da Dona Marta. (SILVA, 2018, s/p)

Foi dessa forma que o acervo da exposição se constituiu, junto de fotografias impressas em tecido, de autoria de Jorge Quintão (FIG. 3). Ao subir as escadas para o segundo andar, na parede direita estão expostas fotografias e cartazes da Guarda Treze de Maio, do bairro Concórdia, e, à esquerda, logo após a subida, a parte central da exposição: o altar da Rainha (FIG. 4).

³O acervo conta com fotografias, instrumentos musicais, cetros, roupas, imagens de santos, entre outros.

Figura 2: Parte da exposição *Uma rainha na Favela*



Fonte: Arquivo Muquifu, 2018.

Figura 3: O altar



Fonte: Arquivo Muquifu, 2018.

A imagem impacta. A cenografia é composta por fitas penduradas em cores azuis e brancas no teto, com um altar colorido entre chitas e sedas, além do oratório⁴ em estilo colonial doado por uma moradora do Aglomerado Santa Lúcia que viera de Tiradentes para residir em BH. A produção da exposição foi feita tanto pela equipe do Muquifu, quanto por uma das filhas da Rainha, a Rosana.

⁴Não se tem o registro do nome de quem doou o objeto.

O desdobramento de *Uma Rainha na Favela* foi a ressignificação da cenografia como o Reino de Dona Marta. Cleiton cita essa relação que os vizinhos e integrantes da Guarda têm com o lugar, como sagrado, enquanto para o museu é acervo.

Cleiton: O pessoal chegava lá em cima e beijava o altar, agora beijam a bandeira. (GOS, 2019)

Mauro: Eu não sei se beijam aqui [na Igreja das Santas Pretas], mas beijam lá em cima. (SILVA, 2018)

Isso também é percebido na tese de doutorado de Gomes (2017) que narra as relações entre os devotos com os espaços museais que contêm imagens e santos expostos. Não há controle do museu sobre a vivência do público-visitante e a forma como este vai se portar naquele lugar e como os objetos vão ser compreendidos por cada sujeito, sejam eles sagrados ou não.

Diante dessa apropriação e reconhecimento do Reino de Dona Marta, uma ação foi levando a outra. A pintura, os objetos doados da Guarda Treze de Maio, *Uma Rainha na Favela*, a coroação no desfile de lançamento da Coleção Sá Rainha, até chegar ao ponto da mobilização e demanda da família e amigos para homenagear Dona Martinha com uma festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário.

4 SENHOR PADRE, ABRE A PORTA!

Em junho de 2018, o diretor do museu recebeu a notícia que a família da Dona Marta queria fazer uma festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário para a matriarca. Mauro (2018) diz que sempre sugeriu a volta da Guarda de Congo da Vila Estrela aos que eram envolvidos e próximos à rainha. A família e os amigos conduziram todo o processo, desde o pedido ao padre da Paróquia Nossa Senhora do Morro para que celebrasse a missa na Igreja das Santas Pretas, até o desenvolvimento de roupas para a Guarda. O museu foi seguindo as demandas do grupo e auxiliando como podia, a exemplo de Cleiton, que fez as bandeiras e auxiliou na compra dos materiais e confecção das fardas. O ponto crucial para Mauro foi quando um dos instrumentos doados pela Guarda Treze de Maio deixou de ser peça de museu e foi utilizado pela Guarda da Dona Marta.

Eles mandaram o vídeo para mim, que inclusive coloquei no [grupo de Whatsapp] Muquifueir@s, eles ensaiando com um tambor de gasolina. Mandaram para mostrar: "olha que bacana, a gente fez o primeiro ensaio" e eu mandei um parabéns e que eu gostei muito. "E agora tem uma caixa lá no Muquifu, porque cê não vai buscar?". O museu ficou responsável por

guardar um acervo que foi doado pela [Guarda] Treze de Maio, mas já era sabido pelo Muquifu que o dono era a guarda da Dona Marta e que eles tinham doado para eles. Porque o moço falou que quem sabe voltava um dia e se eles fossem, precisaria utilizar aqueles objetos. (SILVA, 2018, s/p)

Dessa maneira, um dos integrantes conhecido como Lú⁵, foi à exposição onde estava o tambor (FIG.5) e pegou para ser usado já nos ensaios.

Figura 5: O primeiro tambor da esquerda é o doado pela Guarda Treze de Maio



Fonte: Arquivo Muquifu.

A festa foi integrada à programação da Primavera de Museus 2018 do Muquifu (FIG. 6), a fim de colaborar com o debate sobre a expulsão das religiões afrobrasileiras em templos católicos⁶. *Senhor padre, abre a porta!* (FIG. 6) foi o título da atividade principal da programação, uma roda de conversa sobre patrimônio e reinado com Mariana Ramos de Moraes (PUC Minas), Isabel Casimiro (Rainha do Congo), Vanilza Jacundino (IPHAN) e Dom Vicente de Paula Ferreira (Arquidiocese de BH). Ter a festa do Rosário apoiada pelo Muquifu era importante para legitimar o processo de homenagem, assim como a ocupação da Igreja das Santas Pretas por grupos religiosos afrobrasileiros.

⁵Apelido de Hélio Matias.

⁶Mauro pesquisa em seu doutorado duas capelas que tiveram algo em comum: a expulsão de negros e das celebrações afrobrasileiras em igrejas católicas em BH. Uma delas é a Igreja das Santas Pretas.

Figura 6: Peça gráfica do Muquifu



Fonte: Arquivo pessoal.

Dia 21 de setembro de 2018, foi o levantamento da bandeira. A primeira festa de Nossa Senhora de Rosário e Santa Efigênia, patronas da Guarda de Congo da Vila Estrela, realizada na Igreja das Santas Pretas.

4.1 A chegada da Guarda e a conexão entre território, igreja e museu

Quando ainda se encerrava a atividade da programação, começamos a ouvir os tambores se aproximando do museu. O som aumentava na medida que saiam dos limites que separam a Vila Estrela do bairro Santo Antônio. O grupo era pequeno, de aproximadamente 20 pessoas de diversas idades. Quando a Guarda parou em frente à igreja e ao museu, tocou, cantou e dançou por um tempo, até que Mauro desceu as escadas ao encontro do grupo. Enquanto não entravam no prédio, várias pessoas foram se aproximando para assistir a celebração. Os carros pararam para dar espaço ao grupo.

Continuaram a caminhada para a Igreja das Santas Pretas, subindo a rampa de acesso, entrando pela porta da capela (FIG. 7). Entre cantos e tambores foram levando a rainha com cuidado. Dona Martinha já pouco se lembrava das pessoas, mas fazia questão de dançar e tentava cantar algumas das músicas. O grupo parou por vinte minutos no templo para um descanso do trajeto feito desde a casa da Dona Marta.

Figura 7: entrada da Guarda de Congo da Vila Estrela na Igreja das Santas Pretas



Fonte: Arquivo Muquifu.

Enquanto davam uma pausa, a rainha foi levada ao segundo andar, a fim de o grupo ser recebido por ela no seu Reino. O pequeno caminho da igreja até *Uma Rainha na Favela*, foi feito com música e logo que chegaram continuaram a dançar até o momento que seria rezado o terço (FIG. 8). Os fogos davam anúncio do começo e fim de cada ato da celebração. Após a reza, foram levantar a bandeira no Jardim Dona Wanda, o quintal do museu, entre cantos e tambores (FIG. 9).

Figura 8: A subida da Guarda para o segundo andar e o momento da reza na exposição



Fonte: Arquivo Muquifu.

Figura 9: No Jardim do Muquifu, local de levantamento da bandeira



Fonte: Arquivo Muquifu.

Ao longo do final de semana, fizeram uma oração na casa de Dona Marta e o encerramento do Encontro das Guardas de Congados em homenagem a Sá Rainha na Igreja das Santas Pretas.

5 PODE UM MUSEU ABRIR AS PORTAS?

Para Mauro, emprestar o tambor, uma das peças do museu, é Museologia Social. O instrumento musical não perdeu a função, como seu doador receava, mas continuou celebrando uma Rainha. Assim, o museu reafirma o compromisso social e cultural com o território e seus moradores. Isso é uma atuação coerente com a proposta pela Nova Museologia, sendo sociedade/homem> patrimônio/ objeto> cenário/território (CURY, 2009, p.29), e que Poulot (2013, p.34) enfatiza bem: “o desafio a enfrentar pelo museu consiste em manter sempre viva uma contribuição para a fisionomia cultural da região, em vez de inscrever seu projeto em uma arqueologia do colecionismo”. Diante desse museu de favela, os objetos no espaço museal são coadjuvantes, tendo como protagonistas as histórias de pessoas subrepresentadas na história oficial de Belo Horizonte. Se não é o Muquifu que faz a pesquisa e promove a preservação e a difusão da memória local, não seriam os museus tradicionais da cidade (BARBOSA, 2018). Menos ainda nesse caso, das religiões afrobrasileiras e da memória do reino da Sá Rainha Dona Marta.

Em 2019, o tema da 17ª Semana de Museus foi *Museus como núcleos culturais: o futuro das tradições*. O Muquifu promoveu a segunda edição da roda de conversa *Senhor Padre Abre a Porta: Muquifu, Identidade e Cultura*, com a participação de Ariel Lucas Silva (historiador e pesquisador sobre as Igrejas do Rosário), Luiza da Iola (Rainha Perpétua de Nossa Senhora do Rosário), Nila Rodrigues Barbosa (historiadora e pesquisadora) e Padre Mauro Luiz da Silva. O questionamento central foi a atuação dos museus frente aos objetos religiosos até às violências simbólicas contra as religiões tradicionais afrobrasileiras. Nessa ocasião, é evidente que o Muquifu responde que sua atuação é inseparável da política de contestação dos moradores e interessados na temática (LERSCH *et al*, 2004; VARINE, 2005; BOGADO, 2017). Existe a compreensão do poder político, social, estético e simbólico do fazer Museu no território que ocupa. A instituição faz um movimento de auxiliar no debate que não parece ser de interesse de outras tipologias de museus quando abordam questões de raça e etnia com o acervo (BARBOSA, 2018).

A ida do Muquifu para o mesmo espaço físico da Igreja das Santas Pretas foi essencial para a celebração à Dona Marta. Ao mesmo tempo, isso trouxe algumas consequências para o Museu: alguns visitantes de outras religiões evitam o lugar e existem críticas quanto à aproximação com a igreja católica e com o fato de a direção e curadoria serem feitas por um padre. Por parte desse público relutante, há um série de dúvidas sobre o trabalho museal, ainda que em seu discurso direto⁷ (FIG. 10) tem sido deixado claro que é laico e que parte importante da origem do museu é o Chá da Dona Jovem.

Figura 10: Peça gráfica destacando a separação e que fica ao lado da igreja católica



Fonte: Sarau no Muquifu, 2019, s/p⁸

A atuação desse Museu não pode ser extirpada do seu contexto social, político e cultural, muito menos das demandas das pessoas do Aglomerado Santa Lúcia. A atuação do Muquifu é de um museu que quer celebrar a vida e deixar claro que o espaço busca salvaguardar também as religiões de matriz africana que fazem parte da vida de alguns moradores do Morro do Papagaio.

Quando se lamenta a perda de objetos importantes para a memória nacional, importantíssimos, que estavam no Museu Nacional, eu fico pensando em quanto não se chora pela perda de histórias, como o que está

⁷A exemplo da afirmação na entrevista dada para o Jornal O Tempo na matéria "Museu situado na periferia da capital se destaca em pesquisa nacional" (ROCHA, 2019)

⁸Peça gráfica de divulgação do evento, disponível em <https://www.facebook.com/events/2289831411130321/>

acontecendo com as religiões de matriz africanas no Brasil. Isso me irrita: o lamento diante das perdas materiais e o não lamento diante de tudo que se perde da cultura negra no Brasil. Estamos muito marcados pela ditadura do objeto. Nosso discurso é de que os museus preservam histórias, mas será que são mesmo as histórias que estão sendo preservadas? (SILVA, 2019, p.62)

O que aconteceu naqueles dias de celebração, foi uma confluência (SANTOS, 2015) entre o Museu, a Igreja das Santas Pretas e a Guarda de Congo da Vila Estrela em prol da homenagem à Sá Rainha Dona Marta. Percebeu-se que os esforços para a realização da festa dentro da igreja católica conseguiu mobilizar grupos e instituições dispostos a homenagear Dona Martinha. Da difusão e salvaguarda da memória viva até o amor à matriarca da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que a tipologia do Muquifu reafirma seu posicionamento ao direito à memória e fortalece a ênfase política no território que ocupa em BH: ele abre as portas para as mais diversas manifestações culturais e de religiosidade. Sua atuação prática é uma contribuição viva para a Museologia Social e a confluência entre os envolvidos nesse processo de homenagem à Sá Rainha Dona Marta evidencia a capacidade de transformação de um museu.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Nila Rodrigues. **Museus e etnicidade**: o negro no pensamento museal. Curitiba: Appris, 2018.

BOGADO, Diana. **Museu das Remoções da Vila Autódromo**: Resistência criativa à construção da cidade neoliberal. Cadernos de Sociomuseologia, [S.l.], v. 54, n. 10, July 2017. ISSN 1646-3714. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5947>. Acesso em: 2 jul. de 2019.

CRUZ, Márcia. **Morro do Papagaio**. Belo Horizonte: Conceito, 2009.

CURY, Marília Xavier. **Museologia, novas tendências**. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. D.; LOUREIRO, M. L. N. M. Museu e Museologia: Interfaces e perspectivas. Rio de Janeiro: MAST, v. 11, 2009. p.25-41.

GOMES, Lilian Alves. **A peregrinação das coisas**: trajetórias de imagens de santos, ex-votos e outros objetos de devoção. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, 2017.

GOS, Cleiton. Cleiton Gos: entrevista transcrita (2 páginas). [dez. 2018]. Entrevistador: AUTOR. Belo Horizonte, 2018. 1 arquivo .mp3 (23 min.). Entrevista não publicada.

GUIMARÃES, Berenice M. **Favelas em Belo Horizonte** – tendências e desafios. *Análise & Conjuntura*, 7, n.2 e 3, mai/dez. 1992. 11-18.

LERSCH, T. M.; OCAMPO, C. C. ABREMC - Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários. Coletânea de Artigos, 6-7 out 2004. Disponível em: <<http://www.abremc.com.br/pdf/5.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

PEREIRA, Josemeire Alves. **O Tombamento do 'Casarão da Barragem' e as Representações da Favela em Belo Horizonte**. (Dissertação em História) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. 2012.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ROCHA, Rafael. **Museu situado na periferia da capital se destaca em pesquisa nacional**. *Jornal O Tempo*, Belo Horizonte, 3 de jul. 2019. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/museu-situado-na-periferia-da-capital-se-destaca-em-pesquisa-nacional-1.2189085>. Acesso em: 3 jun. de 2019.

SILVA, Mauro Luiz da. **Habemus Muquifu**: Análise da criação e das coleções do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Mauro Luiz da. Mauro Muquifu. *Tv Horizonte - Canal Youtube*, 15 out. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AzsQvFn6ELk>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

SILVA, Mauro Luiz da. **Muquifu - onde o que vale é a história dos objetos**. Rede Minas, 2016 set. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-AQkORSSLyc>>. Acesso em: 14 dez 2018.

SILVA, Mauro Luiz da. Padre Mauro Luiz da Silva: entrevista transcrita (2 páginas). [dez. 2018]. Entrevistador: AUTOR. Belo Horizonte, 2018. 1 arquivo .mp3 (23 min.). Entrevista não publicada.

SILVA, Mauro Luiz da. Quais perdas Lamentamos? Entrevista individual com Padre Mauro Luiz da Silva. In: **Museus Narrativas para o Futuro**. Oi Futuro; Consumoteca (Org.). São Paulo, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento / Justificando, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos** – Modos e Significações. Brasília: CNPq/INCT, 2015.

STENGERS, Isabelle. **Reativar o animismo**. Chão da Feira / Cadernos de Leituras, n. 62, 2017.

VARINE, H. **O museu comunitário é herético?** ABREMC - Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários, p. 12-15, 16 fev. 2005. Disponível em:
<<http://www.abremc.com.br/pdf/11.pdf>>. Acesso em: 16 dez 2018.